

Importância económica da noqueira para a produção de noz

Economic relevance of walnut for nut
production

1. INTRODUÇÃO

A cultura da noqueira (*Juglans regia* L) para exploração do fruto é uma prática de longa data em diversos países do mundo. As características organolépticas da noz que até aos nossos dias estavam na base do interesse comercial do fruto, enquanto elemento da dieta alimentar humana, têm vindo a ser alvo de um reconhecimento crescente nos últimos anos, por força do aumento da capacidade de análise dos constituintes do fruto bem como do conhecimento dos efeitos que estes podem exercer na saúde alimentar do Homem. Contribui ainda a favor da cultura da noqueira a grande diversidade de utilização dos seus produtos além da alimentação humana, designadamente na indústria farmacêutica, no fabrico de corantes, de licores e ainda na indústria da madeira e seus transformados.

Celestino Almeida,
Escola Superior Agrária,
Instituto Politécnico
de Castelo Branco,
Portugal.
celestino@ipcb.pt

Com base em informação apurada através da base de dados Innova Market Insights (2017), podemos registar a existência de uma tendência crescente para a criação e o conseqüente lançamento no mercado, de novos produtos à base de noz, indiciando um potencial aumento do consumo e do interesse pela noz por parte dos consumidores. Neste domínio a indústria panificadora e a dos laticínios apresentam tendências claras para a criação de produtos incluindo a noz com ingrediente principal ou como ingrediente identitário. Ainda segundo a mesma fonte, constata-se que o posicionamento dos novos produtos à base de noz assenta, fundamentalmente, em aspetos relacionados com a conveniência, mas também com a saúde e o prazer.

A importância económica da cultura da noqueira deve ser entendida segundo duas dimensões: a primeira em que a cultura é explorada de forma intensiva e especializada, em pomares instalados de forma estreme e conduzidos especificamente com objetivos de produção bem definidos e a segunda, em que a cultura é efetuada numa menor escala de área e intensidade de afetação recursos, encarando a cultura como uma cultura marginal ou de complemento a outras culturas das explorações agrícolas. Não obstante as diferenças de escala, tanto num caso como noutro a produção e noz alimenta um mercado próprio dentro dos países produtores e entre estes e os países consumidores, com algumas características próprias e onde se podem identificar algumas tendências que foram o objetivo deste estudo.

2. A CULTURA DA NOGUEIRA NO MUNDO

A cultura da noqueira, dispersa praticamente por todos os continentes, encontra-se com maior incidência no hemisfério norte, entre latitudes que variam entre os paralelos 10 e 50. Os noqueirais instalados para exploração do fruto são normalmente designados como “noqueirais europeus” ou comuns e como “noqueirais persas” (Palomares, 2008). Com isto não se pode dizer que não haja produção de nozes no hemisfério sul, onde o caso do Chile assume particular destaque, que por via das suas vantagens competitivas é capaz de fazer chegar à Europa nozes frescas e de alta qualidade, precisamente no período de comercialização predominante, a época natalícia.

2.1. Produção mundial e principais países produtores

A capacidade produtiva mundial de noz caracteriza-se essencialmente por dois grandes elementos representativos: a China, o maior produtor mundial, cuja maior parte da produção é destinada ao consumo interno, mas apresentando um nível de exportações que tem vindo a aumentar nos últimos anos, e depois a oferta do mercado mundial concentrada nos Estados Unidos. Os outros dois grandes produtores são o Irão e a Turquia. Em termos globais, e muito pela expressão dos países atrás referidos, a produção mundial de noz registou um aumento sistemático nos últimos anos, tendo, segundo dados da FAOSTAT (2016, 2017), o valor da produção em 2014 atingido cerca de 3,5 milhões de toneladas. Previsivelmente, e a ter-se mantido a tendência, a produção atual poderá rondar os 4 milhões de toneladas.

Os quatro principais países produtores de noz, atrás referidos, representam mais de 75% da produção mundial. Na figura 1 ilustra-se a distribuição da produção média de noz com casca, de cada país, estimada para o período de 2004 a 2013, segundo dados da FAOSTAT (2016, 2017).

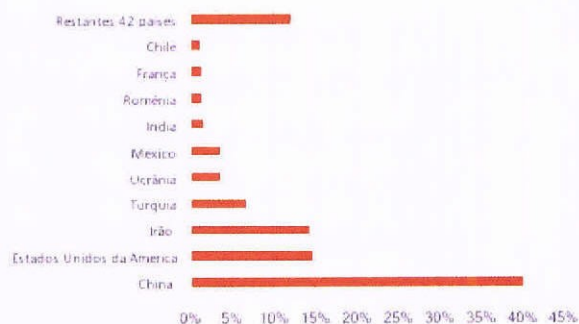


Fig. 1 - Distribuição da produção média (de 2004 a 2013) estimada pelos 10 principais países produtores de noz (ton).

Fonte: FAOSTAT (2016, 2017)

Continuando o mesmo tipo de análise pode referir-se que o valor acumulado da produção média estimada para a década 2004 - 2013, atinge os 90% se analisarmos os dados até ao 13º país com maior representatividade na produção mundial (a Grécia), num ranking em que Portugal ocupa a 35ª posição entre 53 países produtores.

Em termos europeus, a produção de noz é liderada pela Romênia e pela França, conforme se pode observar na figura 2. Segundo esta análise, bem como na distribuição absoluta do ano de 2014, Portugal ocupa a 12ª posição no ranking europeu apresentando uma produção de 4.132 toneladas.

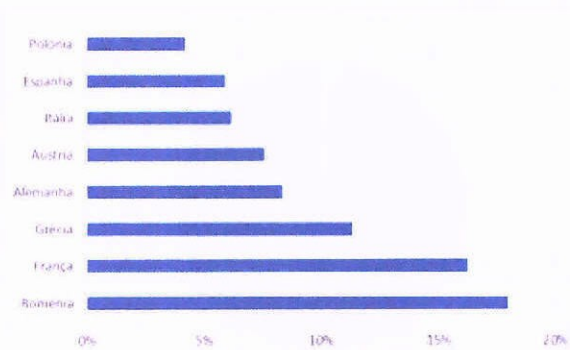


Fig. 2 - Distribuição percentual da contribuição de cada país para a produção de noz com casca na Europa (produção acumulada estimada para o período de 2000 a 2013)

Fonte: FAOSTAT (2016, 2017)

2.2. Principais países consumidores

A China é o principal consumidor mundial de noz. Os seis países mais consumidores (China, Estados Unidos da América, Irão, Turquia, França e Chile) no seu conjunto representam mais de 80% do consumo mundial de noz (INC, 2016). No que concerne à taxa de consumo *per capita*, calculada através da relação do valor global consumido em cada país e o número estimado de cidadãos consumidores de noz, verifica-se que os valores, embora tendo ligeiras oscilações entre 2009 e 2013, não apresentam variações de relevo, à exceção do caso do Chile (Fig. 3). A evolução do consumo, com valores em 2013 superiores em 30% aos do consumo registado em 2009, dever-se-á essencialmente ao aparecimento de novos consumidores no Chile (INC, 2016).

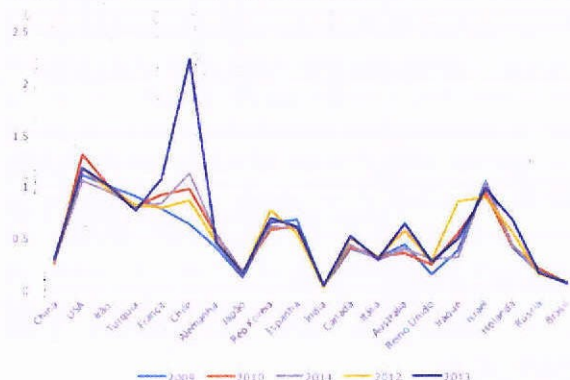


Fig. 3 - Consumo *per capita* baseado na população estimada como consumidora do produto (Kg/Ano)

Fonte: INC, 2016

2.3. Exportações de noz pelos países europeus

Neste âmbito, e segundo os dados apurados através do Helpdesk, os países da união europeia exportam noz com casca (NCC) para um universo de mais de 40 países espalhados por todo o mundo. As quantidades exportadas parecem ganhar uma tendência crescente desde 2011, tendo atingido 10.000 toneladas em 2015, num cenário em que a Turquia, a Moldávia, a Suíça e o Iraque surgem como os principais importadores de noz produzida no espaço da UE (CE TradeHelpdesk 2017).

O valor envolvido nas exportações representou em 2015 um valor superior a 21 milhões de euros. O preço médio, que foi determinado relacionando os dados relativos do valor da produção com a produção respetiva em cada ano, praticamente duplicou entre 2005 (0.9€/kg) e o período 2011 a 2015 (2€/kg).

As exportações efetuadas entre os países da UE atingiram o seu máximo, com valor superior a 30 mil toneladas, em 2011, tendo-se mantido sensivelmente à volta deste valor nos anos seguintes até 2015. Analisando os dados relativos a 2015, verifica-se que entre os países europeus a Itália é o principal exportador de entre os países europeus, seguida da Alemanha e da Espanha (Fig. 4). A distribuição das exportações neste âmbito não sofreu grandes alterações nos últimos anos.

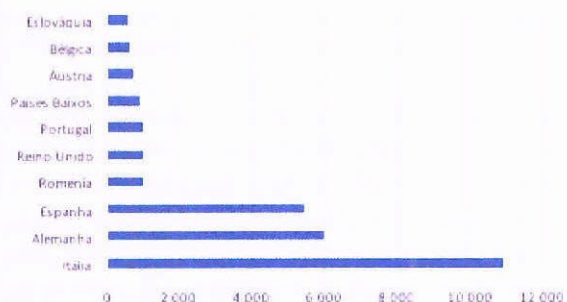


Fig. 4 - Distribuição dos principais exportadores de NCC na UE em 2015 (ton)

Fonte: CE TradeHelpdesk, 2017

Os valores estimados do preço médio da NCC no espaço europeu apresentam uma clara tendência para aumentar ao longo do tempo, tendo atingido valores superiores a 3€ desde 2011, situando-se em 2015 acima dos 3,5€ (CE TradeHelpdesk, 2017).

Ainda segundo a mesma fonte, e no que respeita às exportações de NCC da UE para países terceiros, a Itália,

a Alemanha e Espanha assumem-se como principais exportadores. Portugal aparece em sexto lugar com valor de exportação a rondar as 1000 toneladas.

2.4. Importações de noz pelos países europeus

Tal como se procedeu no ponto anterior, analisam-se neste ponto as importações de noz com casca realizadas entre países da UE, e entre estes e países terceiros.

Como se pode observar na figura 5, as importações de noz com casca entre países da UE nos últimos anos têm rondado as 25 mil toneladas, o que corresponde a um significativo acréscimo relativamente ao período 2005 a 2009.

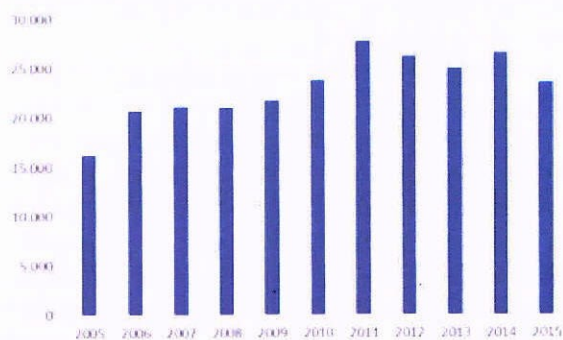


Fig. 5 - Importações de NCC feitas entre países da UE entre 2005 e 2015 (ton)

Fonte: CE TradeHelpdesk, 2017

30

A França aparece como sendo o principal país da UE no movimento das importações de noz com casca, tendo sido responsável, em 2015, por mais de 70% das importações neste domínio. Esta preponderância poderá indiciar a possibilidade de a França ter uma indústria transformadora pujante e dominadora (CE TradeHelpdesk, 2017).

Ao longo da década 2005-2015 as importações de noz com casca feitas pelos países do espaço da UE com origem em países terceiros, tem variado entre as 35 mil e as 45 mil toneladas. Neste âmbito os Estados Unidos são o principal alimentador das importações de noz com casca da UE. No ano de 2015, a quota dos Estados Unidos correspondeu a mais de 70% do volume deste tipo de troca comercial, seguindo-se-lhe o Chile e a Austrália (Fig. 6).

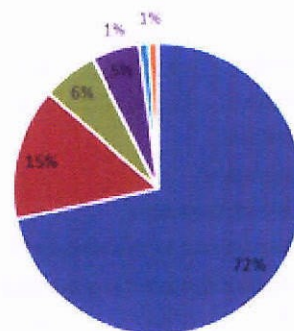


Fig. 6 - Distribuição percentual da origem das importações de NCC da EU oriunda de países terceiros em 2015.

Fonte: CE TradeHelpdesk, 2017

Na figura 7 ilustra-se a evolução dos valores do preço médio estimado, ocorrida nas transações de noz ao longo do período de 2005 a 2015 entre países da União Europeia e entre esta e países terceiros. Relativamente à noz com casca, constata-se uma tendência crescente do preço médio em todos os tipos de transações. Porém, destaca-se o valor mais baixo das exportações para países terceiros relativamente às exportações internas, bem como o valor tendencialmente mais baixo das importações de países terceiros.

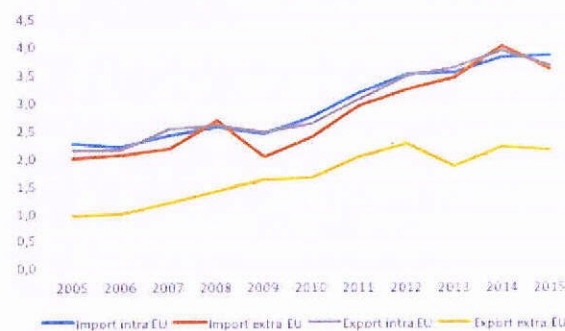


Fig. 7 - Evolução do preço (€) médio estimado das transações de noz com casca na UE e desta com países terceiros na década 2005-2015.

Fonte: Adaptado de CE TradeHelpdesk, 2017

3. A CULTURA DA NOGUEIRA EM PORTUGAL

De entre os frutos secos de árvore produzidos em Portugal, a noqueira/noz ocupa o terceiro lugar, com uma expressão que ronda cerca de 5% da área plantada com árvores de frutos secos (frutos de casca rija) rondando 3.300

hectares e cerca de 10% da produção nacional de frutos secos, atingindo as 4.062 toneladas (dados referentes a 2015 (Tab. 1)). Neste contexto, a castanha e a amêndoa são, respetivamente, os dois frutos de maior significado.

Tab. 1 - Principais frutos de casca rija produzidos em Portugal Superfície (ha)

	2013	2014	2015	2013	2014	2015
Amêndoa	28 480	28 871	30 150	4 446	9 034	10 090
Avelã	391	392	393	337	352	360
Castanha	35 168	35 352	35 595	24 739	18 465	27 628
Noz	2 922	2 946	3 287	4 609	4 132	4 062

INE Estatística Agrícolas 2015, Edição 2016

A produção anual de noz em Portugal ocorre essencialmente no território continental sendo, portanto, residual ou sem expressão comercial a produção nas regiões autónomas da Madeira e dos Açores. Em termos globais a produção de noz em Portugal tem rondado as quatro mil toneladas, nunca tendo atingido as 5 mil toneladas (Fig. 8).

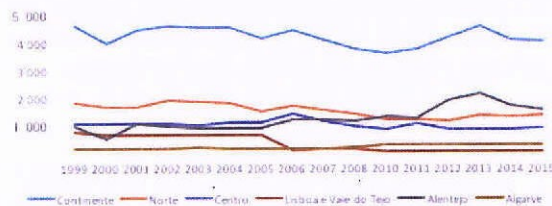


Fig. 8 - Distribuição da produção anual de noz em Portugal (ton).

Fonte: INE, Estatísticas Agrícolas. (dados de 2009 não disponibilizados)

Os “pomares” de nogueiras apresentam maior expressão na região Norte, seguida do Alentejo e Centro, regiões onde parece estar em curso um período de crescimento da área de implantação desta cultura. De facto, como se pode observar na figura 9, têm-se registado algumas variações na área de cultura de noz nas regiões e consequentemente no continente em geral, fruto de opções tomadas em momento de investimento no sector agrícola acompanhando as oportunidades geradas pelos apoios dos quadros comunitários. Assim, assiste-se em alguns momentos ao abandono e reconversão de algumas áreas de nogueiras, e noutros à implantação de novas áreas desta cultura.

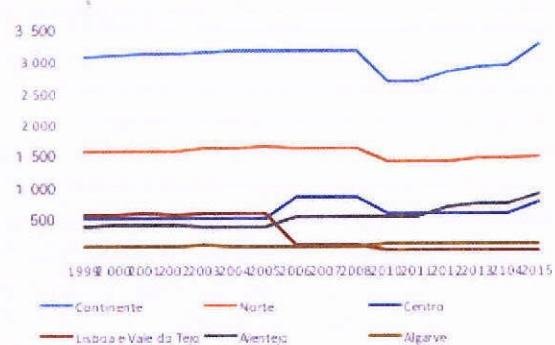


Fig. 9 - Distribuição da área de produção de noz em Portugal (ha).

Fonte: INE, Estatísticas Agrícolas. (dados de 2009 não disponibilizados)

3.1. A organização da produção, circuitos de comercialização, mercados

A produção de noz em Portugal ocorre basicamente apoiada em pequenas explorações, salvo algumas exceções no Norte e no Alentejo, onde se encontram alguns pomares que são explorados de forma tecnologicamente mais evoluída. Por outro lado, o escoamento do produto é feito de forma individualizada pelos proprietários e em alguns casos recorrendo a parcerias com unidades de transformação e/ou no âmbito da participação em organizações de produtores.

Normalmente, a noz é comercializada com casca em sacos de rafia com quantidades diversas e é seleccionada por calibre (classes de calibre frequentemente praticadas: 34+, 32/34, 30/32, 30/28). A título meramente indicativo e casuístico, identificaram-se os seguintes preços pagos ao produtor na campanha de 2016 para os calibre atrás referidos: 4,75€, 4,25€, 3,75€ e 3,5€, respetivamente.

O período de comercialização ocorre essencialmente de outubro a fevereiro do ano seguinte. Em Portugal existem três mercados principais que servem de referência para a formação informal do preço da noz: Lisboa, Porto e Bragança.

Sem quaisquer referências aos calibres, as Estatísticas Agrícolas de 2013, editadas pelo INE em 2014, apresentam como preços anuais da noz pagos ao agricultor os seguintes valores: 2,60€ em 2011; 2,42€ em 2012 e 2,92€ em 2013.

As vendas ocorrem essencialmente para o mercado nacional, pois os mercados estrangeiros impõem muitas exigências. A estratégia de mercado parece assentar na colocação duma parte da produção no mercado de proximidade e de vínculos tradicionais, tentando resistir à colocação massiva em grandes compradores, como é o caso

de grandes empresas de distribuição. Não vendem para as grandes superfícies porque pagam muito mal ao produtor.

Por parte das unidades transformadoras, estabelecem-se relações preferencialmente diretas com empresas estrangeiras, algumas com participação no respetivo capital social. Nestes casos, a intervenção, transformação/valorização do produto, passa pela exportação e reimportação do produto transformado. Estes fluxos comerciais justificam-se essencialmente pelas diferenças nos encargos de produção, nomeadamente a mão-de-obra.

O miolo exportado por Portugal é muitas vezes primeiro importado do estrangeiro, sofrendo alguma intervenção, que em princípio lhe acrescenta valor, e depois é exportado. Considerando que Portugal exporta essencialmente para PALOPs, então poderemos perceber a vantagens de “exportar português” para esses mercados.

Pelas razões atrás referidas, os valores de importações e exportações que se apresentam de seguida, não estão depurados dos efeitos do ciclo que se forma através da reimportação/reexportação

3.2. Exportações de noz portuguesa

As exportações portuguesas de noz com casca, para países exteriores ao espaço europeu, apresentam uma tendência crescente (Fig. 10). Em 2015, último ano de que temos registo, atingiu-se um valor máximo acima das 70 toneladas.

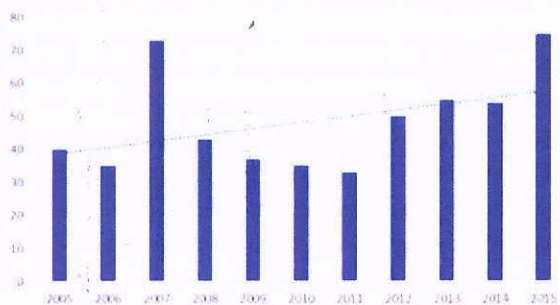


Fig. 10 - Exportações de NCC de Portugal para país terceiros (ton)
Fonte: CE TradeHelpdesk, 2017

Em termos do destino das exportações de noz, podemos referir que em 2015 exportámos essencialmente para a Turquia e também em muito menor escala, para Angola e Cabo Verde.

Olhando para as transações de noz de Portugal entre os países da União Europeia, verifica-se que apenas de 2012

em diante é que o volume de produto exportado começou a apresentar algum significado. Neste período de tempo existe uma tendência crescente, tendo-se atingido o valor máximo acima das 110 toneladas no ano de 2015 (Fig. 11).

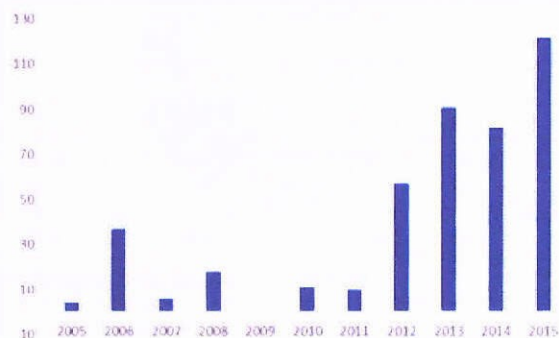


Fig. 11 - Exportações de NCC de Portugal para países da UE (ton)
Fonte: CE TradeHelpdesk, 2017

Relativamente ao destino das exportações acima representadas convém realçar que o valor registado em 2015 se refere a transações exclusivamente feitas com Espanha. Nos anos anteriores, além de Espanha também Itália e, residualmente, França, receberam noz com casca de Portugal.

3.3. Importações de noz por Portugal

As importações portuguesas de noz com casca de países terceiros têm vindo a decrescer essencialmente nos últimos anos, podendo dizer-se que comparada com valores de anos anteriores, tendem a situar-se em volumes residuais, rondando as 50 toneladas ano (Fig. 12). Os países de origem das importações portuguesas são essencialmente os Estados Unidos e Chile.

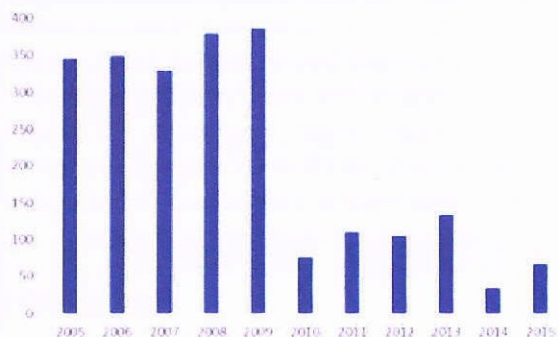


Fig. 12 - Importações de Portugal de NCC oriundas de país terceiros (ton)
Fonte: CE TradeHelpdesk, 2017

No que concerne às importações de noz com casca com origem em países da União Europeia, parece haver uma tendência decrescente, registando-se nos anos mais recentes volumes cerca de 50% inferiores aos máximos registados, com 1.245 toneladas em 2015 (Fig. 13). Os países europeus donde Portugal importa essencialmente noz com casca são a França e a Espanha, aos quais se segue a Roménia em menor escala.

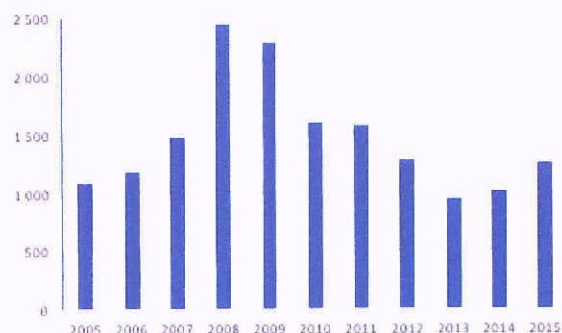


Fig. 13 - Importações de Portugal de NCC oriunda de países da UE (ton)

Fonte: CE TradeHelpdesk, 2017

4. CONSIDERAÇÃO FINAL

O estudo que se apresenta resulta de uma compilação de dados disponíveis em fontes de livre acesso. As tendências identificadas deveriam, no nosso entender, ser acom-

panhadas de forma a tentar-se compreender as razões que as sustentam. Esta tarefa poderia ser objeto de um eventual observatório dos frutos secos a ser criado no seio do Centro Nacional de Competências dos Frutos Secos. Acreditamos que se esta iniciativa se tornar uma realidade, os principais beneficiários serão os produtores, os industriais e os potenciais investidores no setor, os quais passarão a ter acesso a informação atualizada e objetivamente tratada para o efeito.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anuário Agrícola 2013, GPP Ministério da Agricultura e do Mar (Informação relativa a 2012)
- Estatísticas Agrícolas 2013 Instituto Nacional de Estatística edição em 2014 CE TradeHelpdesk, Comissão Europeia (<http://exporthelp.europa.eu>) acesso em maio de 2017
- FAOSAT (2016) "Production of Walnut with shell by countries; Browse data, World, 2013". UN Food & Agriculture Organization, Statistics Division (acesso em setembro 2016).
- FAOSTAT (2017) <http://www.fao.org/faostat/en/#data/QC> (acesso em junho 2017)
- INC, (2016). Global Statistical Review 2014-2015. International Nut and Dried Fruit Foundation Council.
- INE, Instituto Nacional de Estatística - Estatísticas Agrícolas (<http://www.ine.pt>)
- Innova Market Insights - <http://www.innovadatabase.com>. (Acesso em 2017)
- María Victoria Reyes (sd) Situación y perspectivas de los cultivos de nogal y almendro en Chile.
- Palomares, J.I. de Sebastián, (2008). Frutos Secos en Cantabria: la nuez y la avellana, investigación e experimentación - Centro de Investigación y Formación Agrarias, Cantabria, Espanha.